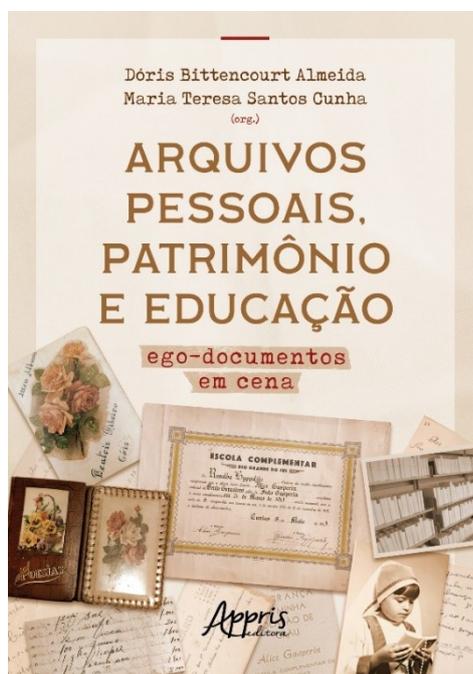


**ALMEIDA, Dóris Bittencourt; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.).  
Arquivos pessoais, patrimônio e educação: ego-documentos em cena.  
Curitiba: Appris, 2024. 222 p.**

Maria Julieta Batista de Almeida Weber\*

 <https://orcid.org/0000-0001-6172-8597>



*Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação: ego-documentos em cena*, coletânea organizada por Dóris Bittencourt Almeida e Maria Teresa Santos Cunha, foi publicada em 2024 pela Editora Appris, Curitiba, Paraná. Ambas as organizadoras têm vasta e significativa produção na área da História da Educação. A primeira é professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A segunda é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Elas lideram o Grupo de Pesquisa (GP) “Arquivos, Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação/CNPq”, cuja sigla é Garpe. Criado em 2018 por investigadoras de diferentes universidades e instituições de pesquisa brasileiras, as temáticas de investigação da coletânea são extensivas do que tem se desenvolvido no âmbito desse GP, tendo como principal foco de estudo, conforme as palavras

introdutórias das próprias organizadoras, “[...] o inventário, a preservação e os estudos dos/nos arquivos” (Almeida; Cunha, 2024, p. 11). E, ainda:

Neste livro, os artigos consideram os arquivos pessoais como portadores de patrimônios educativos, tanto os que estão salvaguardados em centros de memória e museus quanto aqueles que permanecem guardados pelas famílias dos titulares, fora dos contornos institucionais com o argumento de que, quando visibilizados, contribuem para promover a ampliação do repertório historiográfico da História e da História da Educação, como uma produção discursiva de um determinado tempo e lugar (Almeida; Cunha, 2024, p. 11).

\* Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <mjbaweber@uepg.br>.

Ao colocar “em cena” o que se definiu por “ego-documento”, possibilitou-se ao leitor tomar contato com uma tipologia de documentos “menos seriais e mais qualitativos”, de maneira a vislumbrarem-se especificidades na produção historiográfica por meio de um “investimento teórico-metodológico” que visou contemplar noções do tempo presente naquilo que diz respeito ao “tempo que se foi” e ao “tempo que se vive”. Desde o subtítulo, enfatizou-se o que se denominou por “ego-documento” e, por essa via, abriu-se um leque de contribuições sobre a diversidade de documentos utilizados pelos(as) autores(as) em suas respectivas pesquisas. É possível identificar, portanto, ao longo da leitura, que esse termo foi plenamente incorporado no teor dos artigos que compõem a coletânea, tanto no que se refere às conceitualizações teóricas quanto às opções metodológicas adotadas, inclusive com destaque no próprio artigo das organizadoras.

O livro é composto por integrantes do Garpe e, também, por investigadores de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Desde a introdução, evidencia-se a síntese dos aspectos norteadores do projeto conjuntamente realizado. Entretanto, nesta resenha, optou-se por um breve arrolamento acerca do que foi abordado em cada estudo, contemplando menções ao currículo dos(as) autores(as), mas utilizando-se da subdivisão adotada pelas organizadoras. Assim, os 12 artigos estão distribuídos de forma a contemplar objetos relacionados ao Patrimônio em correlação com a área da Educação, cujo mote principal de investigação se pautou em estudos de caráter biográfico e autobiográfico a partir da consulta a arquivos de cunho pessoal.

O primeiro artigo, “Os papagaios de Parets: reflexões sobre uma fonte auto-biográfica”, de James S. Amelang, professor do Departamento de História Moderna da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma de Madrid, centrou a análise na biografia de Miguel Parets, um mestre batedor de couro do século XVII. Discorre-se, especialmente, sobre as dificuldades metodológicas nas reconstruções biográficas, com ênfase em dados autobiográficos. A investigação, realizada em Barcelona, utilizou do que se denominou por “fontes locais” encontrados em arquivos municipais e notariais. Problematisa-se o termo “autobiografia” e, justamente nesse ponto, ao relacionar os estudos históricos aos literários, procurou-se discernir a utilização de “ego-documentos” tendo como suporte de análise a própria experiência de vida do biografado em meio à abrangência das diferenciadas formas de escrita pessoal.

O segundo artigo, “Pequenas santas’ e suas vestimentas de comunhão: imagens guardadas em arquivos pessoais femininos”, de Maria Celi Chaves Vasconcelos, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), debruçou-se na análise de fotografias de primeira comunhão, evidenciando esse rito como uma etapa educacional feminina bastante representativa. A autora focalizou o estudo entre os anos de 1930 e 1970, direcionando o estudo para um único arquivo, constituído por mais de duas mil fotografias, por um colecionador que, ao longo de 20 anos, se dedicou à busca de fotografias desse tema ou do que se tratou por “memorabilia”.

O terceiro artigo, “O tempo que foi no tempo que se vive: álbuns de poesias e recordações em arquivos pessoais de mulheres (décadas de 1950 e 1960)”, de Maria Teresa Santos Cunha e Dóris Bittencourt Almeida, organizadoras da coletânea, aborda as recordações de jovens mulheres estudantes, analisando-se cinco álbuns de poesias escritos por essas jovens nas décadas de 1950 e 1960, dentre as quais três residentes no Rio Grande do Sul e duas em Santa Catarina. É notadamente neste artigo da coletânea que o termo “ego-documento” é fundamentado com base no historiador holandês Jacob Presser (1899-1970), o qual tem estudos sobre a história da perseguição aos judeus nos Países Baixos durante a Segunda Guerra Mundial. O emprego do prefixo “ego” diz respeito, portanto, tanto ao caráter deliberado quanto acidental contidos em documentos que se referem a sentimentos e experiências de si ou de outrem.

O quarto artigo, “Entre minúcias e miudezas, intensidades de uma vida dedicada à docência: Alice Gasperin (1906-2002)”, de Terciane Ângela Luchese, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), aprofunda o itinerário de vida de uma professora e escritora, descendente de imigrantes italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul. A Coleção Alice Gasperin, um conjunto diversificado de documentos localizados em um arquivo da cidade de Caxias do Sul, constituído por doações de coleções por sujeitos isolados ou por famílias, foi a base da investigação biográfica sobre a protagonista em causa. Esse arquivo se constitui por um conjunto significativo de outros documentos que se referem às pessoas de convívio da biografada, a proporcionar, por conseguinte, múltiplas perspectivas investigativas.

O quinto artigo, “Entre listas, letras e flores: os fios da memória no livro guardado (1920-1950)”, de Alice Rigoni Jacques, professora e coordenadora do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre, diz respeito à análise de um livro escrito entre as décadas de 1920 e 1950, pertencente a uma cooperativa de plantação de arroz na cidade de Viamão/RS. Os dados referentes ao cotidiano registrado no livro da “Granja da Pimenta” indicaram evidências de práticas sociais, marcas da escola e horizontes de vida daqueles trabalhadores, assim como das famílias, do lugar e do grupo social a que pertenciam. A pesquisa também contou com outros documentos de cunho pessoal e entrevistas.

O sexto artigo, “Cartas sobre a sala de aula e a circulação dos afetos em classe”, de André Luiz Paulilo, professor associado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Claudiana dos Reis de Souza Morais, doutoranda em Educação pela Unicamp, focaliza questões de natureza apreciativa sobre o magistério entre as décadas de 1930 e 1960, e do que, afinal, representava ser um “bom professor”. No entanto, a análise centra-se justamente em correspondências de um professor em específico, Julio Cesar de Mello e Sousa, que curiosamente havia escrito um manual sobre como ser um “mau professor”. A documentação analisada localiza-se no Centro de Memória da Educação da Unicamp, e o artigo em questão faz parte de um recorte temático de duas mil cartas selecionadas nesse centro de memória, notadamente aquelas que tinham como teor o que fora considerado, ao contexto delimitado, como atributos de boa conduta profissional.

O sétimo artigo, “Ensaio do eu: as escritas autobiográficas nos processos seletivos de residentes da casa do estudante universitário Aparício Cora de Almeida – CEU ACA (Porto Alegre/RS, 1987/2009)”, de Marcos Luiz Hinterholz, doutor em Educação pela UFRGS, e Tatiane de Freitas Ermel, professora de Teoria e História da Educação da Universidad de Valladolid, dedica-se a um conjunto de escritos de caráter autobiográfico de candidatos à vaga de moradia na mencionada casa do estudante. A documentação analisada, acervada no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, possibilitou apreender aspectos da condição socioeconômica, do perfil e dos movimentos dos estudantes que então se candidatavam, dentro do recorte temporal delimitado e que, ao configurarem-se como autobiografias, foram tratadas como escritas de si e, por extensão, como “ego-documentos”, de maneira a evidenciarem singularidades, bem como dimensões sensíveis das subjetividades dos jovens sujeitos pesquisados.

O oitavo artigo, “Querida afilhada, Querido afilhado. As lembranças de batismo entre os pomeranos do Sul do Brasil (1950-1980)”, de Vania Grim Thies, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), discorre sobre um conjunto de 14 lembranças de batismo encontradas em arquivos pessoais que, nesse sentido, como “ego-documentos”, se constituíram reveladores de memórias do tempo presente, materializados no formato de “caixinhas” que expressavam sentimentos e experiências desse ritual religioso. Por tratar-se de arquivo pessoal de mais de uma pessoa de uma mesma família, foi percebido como um

arquivo geracional, constituído por artefatos culturais de um grupo étnico em específico – os imigrantes pomeranos e seus descendentes no Rio Grande do Sul.

O nono artigo, “Revelações de escritas ordinárias no arquivo pessoal de Beatriz Góis Dantas (1956-2016)”, de Marluce de Souza Lopes, doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Joaquim Tavares da Conceição, professora titular da UFS, investigou práticas de escrita, ou seja, “ego-documentos”, do arquivo pessoal e dos livros publicados de uma professora e antropóloga, Beatriz Góis Dantas. Indicam-se, assim, elementos afetivos, de convívios e de exercício intelectual, seja pelos procedimentos metodológicos no tocante à autobiografia analisada, seja pela percepção do ato de arquivamento da vida pela própria biografada.

O décimo artigo, “Arquivo pessoal nato-digital: o caso do acervo de Rodrigo de Souza Leão na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)”, de Nádia Maria Weber Santos, professora do Programa de Pós-Graduação em *Performances* Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), realizou uma minuciosa pesquisa biográfica, centrando-se em dados psiquiátricos ao indagar sobre as possíveis causas de o biografado ter sido rotulado como “louco” e, supostamente, ter cometido suicídio aos 43 anos de idade. Diante dessa problemática, a autora desenvolveu o estudo debruçando-se no arquivo pessoal do escritor, poeta, músico e artista plástico Rodrigo de Souza Leão, de formato nato-digital e depositado no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

O décimo primeiro artigo, “Desejo a ti: dedicatórias em cadernos de recordações de um internato luterano para mulheres (século XIX)”, de Luciane Sgarbi Grazziotin, professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e presidente da Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), e Estela Denise Schütz Brito, doutora em Educação pela Unisinos e professora da Educação Básica nas cidades de São Leopoldo/RS e Portão/RS, ao focalizarem-se nas dedicatórias de cadernos de recordações, atentaram que é justamente nessa tipologia documental que pode se tornar possível identificar, metodologicamente, sentimentos e emoções. Ao mesmo tempo que se constituiu em um canal de aprimoramento de análise de um universo de subjetividades, o artigo trata também de dimensões investigativas da cultura escolar pela óptica dos três álbuns de recordação escritos em língua alemã entre os anos de 1886 e 1892, localizados no Museu da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo e pertencentes a três alunas do internato luterano abordado.

Por fim, o décimo segundo artigo, “As cientistas sociais brasileiras e seus arquivos”, de Carolina Gonçalves Alves, professora do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV)/RJ, discute sobre a presença feminina na perspectiva da teoria social a partir dos arquivos pessoais de cientistas sociais no Brasil, dentre os quais, citem-se: cadernos de campo, manuscritos de livros, anotações de pesquisa, teses e registros audiovisuais. No estudo, elencam-se questões relacionadas a gênero e colonialidade, de maneira a historicizar e problematizar a prática arquivística, procurando compreender narrativas e trajetórias femininas de investigadoras das Ciências Sociais, com destaque para os arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV/RJ.

Uma análise crítica, por certo, vai além da descrição dos artigos que compuseram a coletânea. Na mesma direção, para compreender-se algo criticamente, prescinde-se do empenhamento em atribuírem-se lacunas que, por vezes, sequer se constituíram em metas de investigação. Também seria inócua escrever uma resenha sem especificar o que se abordou em cada artigo da coletânea. E o que ocorreu é que, à medida que se revelou o universo das temáticas e, notadamente, das fontes utilizadas para a tecitura de cada artigo, se percebeu, do mesmo modo, as variedades e as especificidades teóricas e metodológicas que os tais “ego-documentos” consubstanciaram aos objetos de pesquisa abordados, seja pela óptica do patrimônio material e

imaterial, seja pelo viés intelectual e educacional, singularmente relacionados a arquivos repletos de produções de natureza pessoal.

Assim, mais do que um tom predicativo, o que se pretendeu foi atentar para a ampla gama de possibilidades teórico-metodológicas contidas nos artigos da coletânea. Poderá o(a) leitor(a) tomar contato com o crucial manejo dos fundamentos analíticos na distinção das subjetividades, de forma a não hierarquizar-las ou mensurá-las com base em valorações exclusivamente objetificantes, porém dimensioná-las, sim, pelos critérios de cientificidade que as constituem, sem deixar de primar pela rigorosidade analítica. Ou, justamente por se tratar disso, conforme alerta Carlo Ginzburg (1989) em seu clássico estudo sobre os mitos, os emblemas e os sinais, a necessidade de problematizar a centralidade das evidências e dos indícios reside no próprio redimensionamento do lugar social das Ciências Humanas e do reconhecimento do teor das subjetividades como porção fundamental ao conhecimento científico, tomando-se como primazia o contexto epistemológico em que estas se inserem. Contudo, para tanto, é crucial aperceber-se do que constitui a materialidade documental a ser utilizada e dos procedimentos de manejo das fontes disponíveis, e, ainda mais, quando a lente de aproximação se tratar de subjetivações biográficas e autobiográficas.

A coletânea *Arquivos pessoais, patrimônio e educação: ego-documentos em cena*, ao objetivar o caminho das entrelinhas, abre horizontes para os discernimentos necessários ao contribuir com diferenciadas alternativas de análise dos chamados “ego-documentos”. Não somente se apreendeu uma variedade de temas e objetos, mas se demonstrou que diferenciadas pesquisas fundamentadas em arquivos pessoais, permeados por múltiplas práticas de arquivamento, requerem análises essencialmente criteriosas quando a investigação diz respeito a estudos biográficos e autobiográficos, quer na perspectiva cultural de si, quer na imersão em sociabilidade com outrem, porém em sintonia contextual com o mundo que se quer explorar cientificamente.

## Referências

ALMEIDA, D. B.; CUNHA, M. T. S. Introdução. *In*: ALMEIDA, D. B.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Arquivos pessoais, patrimônio e educação: ego-documentos em cena**. Curitiba: Appris, 2024. p. 11-12.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

*Recebido em 13/03/2025*

*Aceito em 21/04/2025*

*Publicado online em 27/04/2025*